

## DE “PARQUE MODELO” AO ESQUECIMENTO: OS PROCESSOS DE REMOÇÃO DO PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA

Aluno: Eric Damião Duarte

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Silvia Ilg Byington

### Introdução

A presente pesquisa é continuação de meu trabalho sobre o Parque Proletário da Gávea. Inaugurado em 1942, ainda na Era Vargas, em caráter provisório e civilizatório, o Parque permaneceu no local de sua criação até 1974, quando foi completamente removido. O que era considerado um “parque modelo” [1] a ser seguido passou a ser considerado um grande empecilho para a reforma urbana do Rio de Janeiro. O trabalho anterior, “*UM MUNDO DISTANTE PARA GENTE QUE MORA PERTO*”: PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA (ANOS 1940 E 1960), foi desenvolvido a partir dos fragmentos de memórias de dois ex-moradores dos parques proletários da Gávea e do Leblon, além de documentos e trabalhos acadêmicos. A partir dessa documentação tentei trabalhar a experiência de vida e as ações políticas nesses dois parques, com foco no Parque Proletário da Gávea. A pesquisa anterior, as entrevistas realizadas e os documentos coletados, levantaram dúvidas sobre o local em questão, as políticas aplicadas e, principalmente, os motivos para sua remoção.

Durante as décadas de 1960 e 1970 a cidade do Rio de Janeiro passou por mudanças políticas e espaciais. Além da mudança da Capital Federal para Brasília, foram criadas instituições, como CEHAB, SFH e CHISAM, que ajudaram na aceleração da mudança dos moradores das favelas. A partir disso, foram criados ambiciosos projetos de reforma e reestruturação urbana, sendo um deles o projeto das remoções e eliminação de todas as favelas, nas quais milhares de moradores foram retirados de suas casas e mandados para conjuntos habitacionais, a maioria em bairros distantes e sem infraestrutura. Esse projeto era apresentado como uma mudança para a melhoria de vida dos moradores removidos e a erradicação da favela era considerada um benefício para eles. No entanto, diversos autores consideram que o projeto remocionista não contemplou prioritariamente a necessidade dos moradores removidos [2]. O projeto das remoções perdurou por mais de 10 anos, entre as décadas de 1960 e 1970, e atingiu dezenas de favelas. Na atual pesquisa me ateno à remoção do Parque Proletário da Gávea.

### Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender os processos de remoção do Parque Proletário da Gávea a partir dos seguintes pontos:

- 1 - Breve apresentação do Parque Proletário da Gávea para a contextualização das várias faces do local;
- 2 - Contextualização do período político e caracterização das remoções, tanto a simbólica quanto a física, através de notícias de jornal, documentos e textos acadêmicos;
- 3 - Trabalho com os traumas, a memória e o ressentimento dos ex-moradores do Parque Proletário da Gávea;
- 4 - Análise das especulações acerca do terreno do Parque Proletário da Gávea e a completa remoção do Parque.

### Metodologia

Para a elaboração dessa pesquisa foram analisados documentos, notícias de jornais de época, textos acadêmicos e entrevistas feitas com dois ex-moradores dos parques proletários da

Gávea e do Leblon. Esses documentos ajudaram a caracterizar o Parque Proletário da Gávea, os processos das remoções, a finalidade do terreno do Parque e o período político vigente.

Realizei duas visitas à Fiocruz para pesquisar no acervo de Anthony Leeds. Foi possível fazer um levantamento dos documentos encontrados, principalmente fotos e, apesar da escassez de informações acerca do tema, foi possível montar uma cronologia das remoções com a documentação e as notícias localizadas.

Do ponto de vista das referências teóricas, a relação orgânica entre “memória, identidade e projeto” proposta por Gilberto Velho [3] foi fundamental para a construção desse artigo, pois para ele, o sentido de identidade depende da organização de fragmentos de memórias e de episódios soltos, sendo possível, através deles, articular o projeto que dá sentido à continuidade entre os diferentes momentos e situações. Se mostra necessária também a noção de “lugar de memória”, de Pierre Nora [4], no qual o autor defende que os lugares de memória nascem de um sentimento onde a memória não existe. Para o autor, existe a necessidade da criação de arquivos e registros de documentações, porque essas operações não são consideradas naturais. O texto *O rastro e a cicatriz*, da autora Jeanne Marie Gagnebin [5] foi essencial para o andamento e a construção da pesquisa, através dos rastros e dos restos que pude identificar na documentação que localizei.

## Conclusões

De acordo com a documentação levantada, entre as décadas de 1960 e 1970, as remoções são iniciadas, de forma oficial, por volta de 1963, porém não se tem registro seguro de quando terminam de fato. Nota-se que esse processo foi retomado para a construção de estruturas para os Jogos Olímpicos, como na Zona Portuária do Rio de Janeiro, e na Vila Autódromo, na qual apesar da resistência da população boa parte foi removida.

O processo das remoções, além de segregador, é autoritário e implantado de forma truculenta na maioria dos casos, visando sempre à especulação imobiliária e ignorando as raízes, laços e afetos da população local. Assim, em 1974 houve a finalização da remoção no Parque Proletário da Gávea. O terreno esvaziado, depois de diversas negociações e mudanças de projeto, foi cedido à PUC-Rio em troca da passagem do túnel acústico da autoestrada Lagoa-Barra pela encosta atrás dos prédios da Universidade.

O local que foi considerado em sua origem como Parque ideal, modelo a ser seguido por futuras iniciativas destinadas a solucionar o problema da moradia dos pobres na cidade, tornou-se um empecilho para a especulação imobiliária da Zona Sul, parte do grande projeto de reforma urbana aplicado à cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970. O Parque Proletário da Gávea, apagado do tecido urbano, é hoje praticamente esquecido na memória da cidade.

## Referências

- 1 - PARISSE, Luciano. Favelas do Rio de Janeiro: evolução e sentido. **Caderno do CENPHA**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 73, 1969.
- 2 - HERINGER, Nathalia Pacheco. Consequências sociais das remoções de favelas no Rio de Janeiro durante a gestão de Negrão de Lima (1965-1971). In: XIX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA NACIONAL: contra os preconceitos: história e democracia. 2017, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: ANPUH, 2017. p. 1-14.
- 3 - VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 97-105.
- 4 - NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993.
- 5 - GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 107-118.